

As velhas e manjadas mesmíssimas coisas

SEVERINO FRANCISCO
Da Editoria de Cultura

Política e paixão, cultura e política, educação e cultura são as mesmíssimas coisas. Se a criação do Ministério da Cultura não afetou em nada a questão cultura no País - a não ser suscitando debates sobre as relações entre cultura, sociedade, estado - a criação de uma Secretaria de Cultura em Brasília (da maneira como está sendo articulada) é absolutamente catastrófica. O episódio é bastante revelador das contradições da cidade e da sua fragilidade trágica. O fato da indicação de Luis Humberto - quase unânime e coincidente com a vontade de segmentos representativos da cidade - é mera coincidência dos deuses. Se algum adminis-

trador resolver colocar a Xuxa, o Pelé, o Jimi Hendrix, no lugar do Luis Humberto toda uma utopia partilhada de maneira coletiva desaba espetacularmente.

E se já existe esse aparato estatal gigantesco, criar mais uma secretaria representa apenas aumentar os tentáculos do Estado sobre a chamada sociedade civil. Na Nova República continua valendo a definição do artista plástico/critico João Evangelista sobre Brasília: o cubo-futurismo de uma colonista social, ou seja, uma superposição de fantasmas. Dentro deste quadro, fortalecer ainda mais o aparato burocrático é elevar à potência do absurdo o sistema de Cultura as verbas não seriam tão pequenas é pifio. Ora, é só olhar para o Ministério da Cultura: não conseguiu

um tostão furado. A questão da cultura não será resolvida com mais um decreto. E uma questão política com P maiúsculo. Só se pode acreditar na seriedade da visão dos políticos sobre cultura quando o Ministério da Cultura for integrado ao Ministério da Fazenda ou então quando Fernanda Montenegro for Ministra da Fazenda e Dornelles o Ministro da Cultura.

A criação de estímulos fiscais para investimento na cultura é muito mais importante do que a pseudo-criação de um Ministério ou uma Secretaria de Cultura. (E, por falar nisto, onde anda a Lei Sarney?) Brasília é a cidade brasileira com maior índice per capita de burocratas por superquadra. O que Brasília não tem (e precisa com urgência) é uma estrutura eficiente de produção cultural, um

sistema de distribuição idem, um circuito de informações atualizadas, possibilidade para emergência de múltiplas propostas, uma política de estímulo à produção independente de pequenos projetos, pessoas com competência e utopias ocupando postos estratégicos no aparato institucional - como Luis Humberto na Fundação Cultural. E, por falar nisto, qual é o compromisso de Pompeu de Souza - o homem que comprou uma briga com os empresários da cidade e encarou Sarney e Ulisses Guimarães na troca de cargos do Buriti com Brasília e a cultura? E, em caso extremo, se a palavra de ordem da Nova República é conciliar, por que Luis Humberto ou qualquer pessoa da cidade não foram sequer consultados sobre a criação da Secretaria da Cultura?